

PESQUISA-AÇÃO: INTERFACES COM A PRÁTICA DE ENSINO E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Lázara Cristina da Silva – UFU

Este texto apresenta uma discussão teórica sobre a pesquisa-ação em educação relacionando-a as atividades desenvolvidas pelos componentes curriculares de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado desenvolvidos no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. A pesquisa-ação no campo do Estágio Supervisionado contribui como instrumento articulador entre dois importantes espaços de formação docentes exercidos pelos professores das universidades públicas brasileiras, quer seja: a formação inicial e a continuada de professores que atuam em diferentes níveis de ensino do país, assumindo assim, um caráter formador. A experiência tem demonstrado que a parceria com a pesquisa-ação representa um aliado para formar um profissional articulando a experiência acadêmica com a da escola, em um movimento de ação-reflexão-ação, pautado na coletividade e na realidade através da vivência do cotidiano escolar, se promove ao licenciando as condições para uma releitura de todo o processo de formação inicial, uma vez que durante a pesquisa, o conjunto dos conteúdos explorados pelos componentes curriculares de seu curso, é requerido. Promovendo naturalmente um movimento de ressignificação da formação. As contribuições desta experiência para a escola campo do estágio e *lôcus* da pesquisa encontram-se na incorporação dos estagiários nos trabalhos cotidianos a serem desenvolvidos em seu interior. Significa também, a soma de forças. Para os professores formadores pode contribuir possibilitando-lhes: o fortalecimento da área de sua atuação; promove sua valorização no meio acadêmico; amplia a possibilidade de materialização de suas funções docentes de ensino, pesquisa e extensão; possibilita a capacitação em serviço, pois o fazer pesquisa-ação promove um movimento constante de estudo, de repensar e de revisitar conceitos e teorias. Para a Universidade aproxima seus profissionais da realidade, fortalece na sociedade a sua relevância enquanto instância produtora de saberes científicos que se revertem para a melhoria das condições de vida.

Palavra Chave: Pesquisa-ação – Estágio Supervisionado – Formação Docente

1- INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação no campo do Estágio Supervisionado contribui como instrumento articulador entre dois importantes espaços de formação docentes exercidos pelos professores das universidades públicas brasileiras, quer seja: a formação inicial e a continuada de professores que atuam em diferentes níveis de ensino do país, assumindo assim, um caráter formador.

A sua utilização em diferentes espaços formativos se justifica em decorrência do entendimento da necessidade de se realizar um trabalho significativo com os participantes, contribuindo com sua qualificação profissional através do movimento de ação-reflexão-ação. Neste sentido, aliam-se as necessidades eminentes da formação profissional com uma proposta de ação educativa consistente na formação inicial dos alunos dos cursos de licenciatura. Desta forma, a pesquisa-ação responde a essa necessidade uma vez que, além de oferecer condições para aquisição de um conhecimento sobre a temática, através da análise e da reflexão sobre sua própria prática, possibilita o estabelecimento de uma nova postura profissional: a de investigar a prática pedagógica em movimento. Esse processo permite, aos profissionais da escola e aos acadêmicos em formação, reapropriar-se dos saberes oriundos da sua área de formação, articulando-os com os adquiridos no exercício da pesquisa, construídos através da reflexão coletiva, o que lhes auxiliará na construção progressiva de sua autonomia e identidade profissional.

Diante do exposto, destaca-se que este texto tem a intenção de apresentar uma discussão teórica sobre a pesquisa-ação em educação relacionando-a as atividades desenvolvidas pelos componentes curriculares de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado desenvolvidos no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU.

2- A Pesquisa-ação: Conceitos e aproximações com o Universo da Formação

Esta modalidade de pesquisa segundo Barbier (2002), Kemmis e Wilkinson (2002), Castro (2005) e Thiollent (2007) surgiu a mais de quarenta anos, representando uma revolução epistemológica e uma eficácia política e social. Revolução epistemológica no sentido de romper com a forma de entendimento da pesquisa

enquanto instrumento da racionalidade e da objetividade, questões básicas das modalidades de pesquisas clássicas, ainda, representando uma eficácia política e social, quando em sua utilização não é possível ao pesquisador não explicitar a sua opção política, não se envolvendo com a realidade social, na tentativa de contribuir com a sua transformação. Pelo contrário, o fato de se exigir do pesquisador o implicar-se, o estar com, o pensar e o agir coletivamente faz desta opção um ato eminentemente político, isto, pois, durante a prática de uma pesquisa-ação o pesquisador é levado a experimentar constantemente o exercício da negociação, do realizar escolhas, do mergulho no debate, do se colocar no movimento, elementos inerentes a política enquanto ação humana responsável pela convivência e bem estar coletivo.

Segundo Barbier (2002) é uma modalidade de estudo que possui um traço no social, à medida que se encontra a serviço da transformação de uma dada realidade social a partir de sua apreensão sensível, que no movimento contraditório e complexo da atividade de pesquisa gera a produção de um conhecimento coletivo que responde a necessidade e a realidade do contexto da pesquisa.

Portanto, é uma modalidade de estudo que permite, ou melhor, pressupõe ao pesquisador propor uma ação deliberada, possibilitando interferência numa dada realidade e o alcance dos objetivos previstos, que ultrapassem a identificação e a análise da realidade objeto de estudo. Assim, o pesquisador que não pretende implicar-se no estudo, comprometer-se politicamente com o *locus* do estudo não poderá propor uma pesquisa-ação. Para Barbier (2002) o trabalho com pesquisa-ação não se destina a pesquisadores “mornos” e/ou para aqueles que possuem ambições acadêmicas de curto prazo. Ao contrário, destina-se a pesquisadores arrojados, com convicções políticas claras, voltadas para o compromisso social de grupos desprivilegiados e/ou minoritários.

Barbier (2002) define como características da pesquisa-ação:

- *obrigar o pesquisador a implicar-se.* O pesquisador precisar estar disposto a abrir mão do pressuposto de controle isolado e a distância da realidade para apresentar-se numa postura de *estar com, de pertença* a um grupo, mesmo que temporariamente. O pesquisador precisa ser parceiro, responsabilizar-se com, sentir e estar com o grupo;
- *o fato de a vida do pesquisador realizar-se na sua própria vida social e afetiva na pesquisa.* O pesquisador não é um sujeito a parte, que não se envolve nem deixa se envolver pela realidade da pesquisa. Ele passa a viver a realidade do grupo com

ele em todos os momentos, o que acaba por implicar em sua vida social e afetiva. Esse movimento vai requer do mesmo uma maturidade epistemológica e metodológica durante o estudo, pois haverá situações em que terá que promover o “distanciamento” afetivo para auxiliar o grupo a enxergar elementos não percebidos, mas que precisam ser encarados para a transformação do cotidiano investigado;

- *a não exclusão dos sujeitos-atores da pesquisa, que são parte do estudo, encontram-se envolvidos e compromissados com o mesmo.* O pesquisador precisa agregar a todos, compartilhar, somar, dar autoria, permitir que todos os envolvidos sejam, sintam-se parte co-responsável, capaz de ter voz e voto, pensar, produzir, publicar, etc.;

- *não se trabalhar sobre os outros, mas com os outros.* Trata-se de provocar uma mudança radical na postura do pesquisador, que não mais poderá assumir um papel de soberano, de superior, mas o de alguém que está com, pensando com, propondo, executando e avaliando com os diferentes sujeitos implicados no estudo;

- *reconhecer a importância do imaginário tridimensional* (pulsional, social e sacral). Cabe ao pesquisador compreender e trabalhar com o coletivo no sentido de compreender a vida e todos seus condicionantes. Compreender o momento e a condição de existência do grupo envolvido sem exigir que rompam com conceitos e crenças, quando não se tenha condições, naquele momento, de promover o restabelecimento de outros sentidos capazes de sustentar a vida coletiva e individual.

- *expressar uma transformação na maneira de conceber pesquisas sociais.* Perceber que as pesquisas sociais, nem sempre são apenas de constatação, de indicação e de análise da realidade, mas que estas podem e precisam extrapolar estas fases. Cabe-lhes o exercício de agir na, de interferir, de transformar, de construir, etc. Cabe ao pesquisador, romper barreiras e apresentar novos sentidos e formas de realizar pesquisas;

- *ser eminentemente pedagógica e política.* O fato de exigir um agir coletivo e implicado leva ao exercício do agir planejado, consciente, deliberado. Estas características são de natureza política e pedagógica, pois há uma ação intencional, com objetivos determinados. O pedagógico se consubstancia na mediada em que se promove uma ação preocupada e compromissada com a cientificização da prática educativa. Neste processo, entretanto, o político e o pedagógico se unem, em diferentes momentos, através dos quais se define, coletivamente, as bases e os princípios éticos que

permearam a construção dos sentidos que nortearam o processo de formação e emancipação de todos os sujeitos envolvidos.

- *O fato de o pesquisador intervir de modo quase militante no processo, em função de uma mudança cujos objetivos ele define como estratégia.* O pesquisador precisa estar com o e no grupo, fazer-se parte do mesmo. Esta é uma característica, no entanto, que precisa ser tomada com cautela, pois, é necessário o reconhecimento das diferenças identitárias do grupo, uma vez que por mais que o pesquisado esteja com, tenha a intenção de fazer parte, ele nem sempre é parte real deste grupo, bem como, o cuidado com o fator *mudança* que se pretende desenvolver. A mudança não pode ser desejada e planejada apenas pelo pesquisador e, nem mesmo, ser tomada como uma condição individual. É necessário que seja pensada coletivamente compreendendo as interfaces dos contextos político, social, cultural e econômico como presentes e definidoras das condições reais para se pensar e construir tais mudanças.

- *ser um tipo de pesquisa na qual seus atores debruçam sobre eles mesmos, se produz conhecimento com os sujeitos estudados.* Todos os envolvidos são considerados autores, olham-se, analisam-se durante o processo. As suas experiências, concepções e relações com o mundo são tomadas como objetos de estudo. A realização de todas as fases do estudo é objeto e responsabilidade de todos os envolvidos, não sendo, portanto, prerrogativa de um grupo privilegiado. Num movimento cíclico de olhar profundamente para a realidade, buscar compreender para agir sobre, avaliar o pensado, o realizado para novamente replanear e projetar novas ações em conjunto, provoca nos participantes certo debruçar sobre suas experiências, expectativas, concepções e compreensões dos fenômenos envolvidos e, neste movimento, promove a produção de novos conhecimentos sobre esta realidade.

- *chegar a provocar uma ampliação da noção de controle.* Não cabe aqui a noção cartesiana das pesquisas positivistas de controle. O controle é realizado pela verificação das intencionalidades coletivas alcançadas, pelo grupo que ao avaliar, redimensiona, indica os rumos. Não há controle rígido das variáveis, pois nesta modalidade de pesquisa há que se reconhecer a sua complexidade e vulnerabilidade frente a realidade que é dinâmica. É necessária disponibilidade para o movimento de reconstrução durante o processo, para redirecionamento de princípios, para redefinição de prioridades. Estas, no entanto, sempre no coletivo, por meio de acordos consensuais, amplamente negociados e definidos (FRANCO, 2005).

- *identificar a posição ideológica do pesquisador que se deixa elucidar na pesquisa.* O pesquisador se mostra, apresenta suas concepções e compromissos políticos. Durante o processo, também se encontra aberto ao aprender, a reconstrução de valores, princípios e concepções. Ele também vai se tornando outro ser durante o processo. Por estar envolvido com o grupo, não é possível esconder-se, pelo contrário, é chamado a apresentar-se, a descortinar seus compromissos e crenças ao grupo, para neste conhecer coletivamente, surgir a possibilidade de se estabelecer os “contratos” subjetivos e objetivos necessários a realização do estudo.

- *considerar o meio que é estudado e o grau de validação dos resultados junto aos envolvidos na pesquisa, refletindo com a comunidade locus do estudo sobre o serviço prestado pela pesquisa e não apenas na comunidade acadêmica.* É a garantia da participação direta de todos os envolvidos em todos os espaços. A comunidade participa de todas as fases do estudo o que amplia a sua relevância para os contextos escolares, pois promove a possibilidade de envolvimento na compreensão da realidade, no entendimento e enfrentamento das questões que são possíveis de trabalhadas pelo grupo, inclusive na validação dos resultados do estudo que são realizados na e com a comunidade *lócus* do estudo. Logo, os resultados da pesquisa tornam-se importantes para a academia e para a comunidade concomitantemente.

- *o fato de pesquisador implica-se mais e mais antes, durante e após a pesquisa.* O pesquisado exerce um importante papel durante todo o processo, ele torna-se parte do grupo envolvido no estudo. Precisa desenvolver a capacidade de estar com, pensar com o grupo, estudar, refletir, ponderar, agir com os envolvidos na pesquisa. Ele não é o “dono” da pesquisa. Os resultados do estudo não dependem exclusivamente dele. Sua função é de parceiro, de articulador, de promotor do debate e da negociação, de estimulador, organizador e sistematizador, etc. Neste sentido, precisa estar inteiramente envolvido com a pesquisa em todas as suas fases.

Os elementos indicados como característicos de uma pesquisa-ação demarcam a sua raiz de natureza política e social, uma vez que sinalizam para o fato de que o pesquisador em uma pesquisa-ação não ser um sujeito que se pretende esconder, deixar velada sua opção política e seu compromisso social, pois o fato de a implicação estar presente em todo o processo faz com que a opção política e social do pesquisador se manifeste o tempo todo.

Os papéis dos envolvidos na pesquisa são de natureza ativa, implicada, uma vez que o pesquisador precisa articular constantemente os pares: a implicação e o

distanciamento, afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte. Outra situação que diferencia os envolvidos na pesquisa-ação é o papel de sujeito autônomo, pois, estes assumem os papéis de autor de sua prática e de seu discurso. Cada sujeito envolvido de acordo com sua função na pesquisa exercita a experiência de fazer e pensar o feito a sua maneira, em suas condições históricas, sociais e culturais. Assim, a busca por se estabelecer relações horizontais entre o pesquisador e os demais envolvidos no estudo é uma meta a ser alcançada em todas as fases da pesquisa.

Em pesquisa-ação o pesquisador será sempre um interventor e agente de mudanças, pois se encontra envolvido e comprometido com a mudança da realidade objeto de estudo. Neste sentido, toda pesquisa-ação é um processo social, participativo, colaborativo, emancipatório, crítico e recursivo (KEMMIS e WILKINSON, 2002).

A responsabilidade é coletiva, sendo a validação dos dados uma ação coletiva desempenhada no *locus* do estudo e pelos envolvidos na sua realização. Assim:

a) o *objeto do estudo é co-construído* pelos envolvidos e interessados em sua realização. Não é uma obra isolada do pesquisador.

b) o *diagnóstico se realiza a partir de uma escuta sensível do vivido, de uma busca detalhada e complexa da realidade*, em que se fica atento para os pontos-chaves de bloqueio em que ocorrem as diversas formas de limitação e/ou empobrecimento das condições de participação. Sendo um estudo de natureza ativa e participativa, o bloqueio pode representar um forte empecilho para a eficácia do estudo;

c) o *referencial de estudo é construído na coletividade*. Assim, busca-se construir relações horizontalizadas, em que pesquisador e sujeitos da pesquisa procurem construir bases teóricas comuns que lhes permitem dialogar e buscar a autonomia e emancipação dos envolvidos. O saber não é apenas sobre a realidade, concebido por um sujeito pesquisador que se julga seu conhecedor. Mas é fruto do trabalho coletivo, portanto, elemento de libertação e geração de sujeitos autônomos. Desta forma, trabalha-se buscando o surgimento e a valorização de capacidades, de responsabilidades e solidariedade num movimento de transformação coletiva da realidade. Segundo COSTA (2002) esta é uma grande utopia que precisa ser perseguida com maturidade crítica pelos participantes de uma pesquisa-ação.

O fato de a pesquisa-ação encontrar-se implicada em um movimento com um compromisso político e social declaradamente demarcado, cria-se no imaginário coletivo a crença de que através da produção coletiva do saber promove-se o

empowerment e a emancipação dos sujeitos envolvidos. COSTA (2002) chama a atenção para a não congruência desta situação, uma vez que um mesmo saber que gera a exploração e consolidação das formas de opressão pode ser fonte de emancipação e libertação, entretanto, não pode ser encarado de forma acrítica como condição *sine qua non*. Ou seja, nem sempre esta relação entre saber e libertação acontece. Ela é construída e fruto de muita luta histórica. É gerada num movimento de correlação de forças, em que os sujeitos envolvidos atuam como constituídos e constituintes num movimento contraditório. A superação dos limites emancipatórios de uma proposta de pesquisa-ação encontram-se na identificação das desigualdades presentes nos papéis e ações desenvolvidas pelos sujeitos do estudo. As desigualdades de posições e identidades, de condições para a construção do saber, para o entendimento das armadilhas discursivas emaranhadas do saber, são impedimentos para a construção de situações democráticas e de justiça social.

3- A pesquisa enquanto elemento formador: Interfaces da pesquisa-ação com o Estágio Supervisionado e a Prática de ensino no curso de Pedagogia

A vinculação da Prática de Ensino e do Estágio Supervisionado a um projeto de pesquisa representa uma possibilidade altamente ressignificativa para a compreensão do papel deste na formação dos licenciandos e dos profissionais da instituição campo. Somando-se aos demais elementos positivos, já elencados neste texto, está na ampliação da discussão do estágio curricular e da prática de ensino a um campo de conhecimento e espaço de formação cujo eixo central encontra-se na pesquisa. O fato de pensá-los “como campo do conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que visa superar a sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (Pimenta, 2004. P.29).

Esta prática contribuirá com a escola campo à medida que encontrará parceiros para auxiliá-la no entendimento e enfrentamento das suas dificuldades, ampliando as condições de parceria e desenvolvimento de ações no interior da instituição e para os cursos de licenciatura, será positivo, pois tornará o Estágio Supervisionado e a Prática de Ensino um momento privilegiado da formação docente na compreensão da realidade em que irá trabalhar auxiliando-o na constituição de uma identidade docente mais positiva, ainda contribuirá com a área na sua reflexão e estruturação enquanto campo do conhecimento. Para tanto, esta alia dois processos históricos na formação docente:

Buscando construir experiências diferenciadas de formação docente no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia que desde 2004 iniciou-se pela autora um trabalho aliando a pesquisa-ação com as atividades de Estágio Supervisionado de suas turmas. Isto por entender que há inúmeras contribuições no uso da pesquisa de caráter formador no ambiente formativo dos acadêmicos do curso de pedagogia, bem como na escola, tais como:

a) funcionar como elemento capaz de mediar à relação entre teoria e prática, à medida que se propõe atuar como um espaço de reflexão e análise da própria prática docente, questões estas recorrentes nas avaliações dos egressos do curso de pedagogia da UFU, que sempre destacavam dificuldade em compreender e localizar as situações em que estes puderam durante a formação aliar e/ou articular teoria e prática;

b) possibilitar um olhar investigativo sobre a prática docente, atuando como meio de apropriação ativa de conhecimentos o que não é possível via estudos e palestras que não funcionam como formação, mas apenas como informação e atualização; esta outra questão muito recorrente entre os formandos em pedagogia da UFU, que durante o curso se fala tanto da importância da pesquisa na prática profissional, mas os mesmos não se percebiam instrumentalizados para o exercício da docência articulado com a pesquisa;

c) possibilitar que os conhecimentos sejam construídos num movimento de ação e interação, atribuindo-lhes maior significado, uma vez que neste processo os envolvidos sentem-se co-produtores de um saber que respalda o seu fazer educativo. O sujeito aprende quando se envolve profundamente e diretamente no processo de produção do conhecimento, por meio de atividades mentais e da interação com o outro; esta situação foi possibilitada aos formandos em pedagogia envolvidos com este trabalho de 2004 até 2011. Fato este que a turma que participa do estágio nesta perspectiva em 2011, puderam se envolver com os professores da escola campo de estágio/pesquisa e elaborarem no conjunto dez relatos de experiências envolvendo temáticas distintas, segundo a necessidade e realidade de cada grupo de trabalho, oriundas de projetos de intervenção elaborados por eles e seus parceiros professores da escola campo de estágio, que foram apresentadas no III Seminário de Prática Pedagógica e II Semana da Pedagogia, organizado pelo Curso de Pedagogia da UFU;

d) oportunizar aos professores e licenciandos uma forma diferente de olhar a prática pedagógica, a problemática vivenciada no cotidiano escolar. É um olhar impregnado de uma postura investigativa, desta forma aprendem a observar, a formular

questões, a selecionar dados e instrumentais que os permitam esclarecer as suas inquietações, organizadas e analisadas pontuando suas conclusões e registrando-as como forma de contribuir com o grupo na troca de informações, bem como exercitar a prática de produção escrita e divulgação de trabalhos no meio acadêmico e científico;

e) criar elementos para que os licenciandos e professores possam reorganizar os conhecimentos, os esquemas mentais construídos durante seu processo de formação, estabelecendo novas relações entre esses conhecimentos já adquiridos com os novos agora produzidos durante a sua investigação, criando um novo significado ao processo de formação inicial e continuada, no qual haverá crescimento profissional e ampliação das possibilidades de sucesso escolar dos alunos da escola campo de estágio e de prática de ensino;

f) a possibilidade de num movimento dinâmico os licenciandos e professores vivenciarem um exercício de compreender a realidade que os cercam, analisá-la e agir sobre ela, modificando-a;

g) a possibilidade de sistematizar uma reflexão sobre o cotidiano vivido na escola e como desdobramento desta ação poder compartilhar esta experiência com os demais profissionais da escola e da comunidade em geral.

h) a revitalização do prazer por estudar, produzir conhecimento e estar na atividade docente, etc.

Estas contribuições puderam ser percebidas durante as diferentes experiências realizadas neste período em que o Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da UFU aconteceu articulado com a pesquisa-ação.

Nesse processo, em uma pesquisa-ação, se valoriza a importância do diálogo no grupo, da troca de experiências, momentos estes em que as contribuições entre os participantes envolvidos nos processo possam auxiliar no desempenho de cada um enquanto profissional que lida com o novo, com o aprender a descobrir diariamente como atingir todo potencial cognitivo e humano de seus aprendizes. Neste contexto, o professor participante do estudo, bem como o acadêmico, torna-se um ser ativo, um produtor de conhecimento, vivenciando a possibilidade de indagação metódica, de reflexão sobre o cotidiano vivido em que a prática passe ser lida e re-lida, construída e re-construída através de diferentes teorias. Não se esquecendo de que uma pesquisa-ação sempre promove e provoca, concomitantemente, a interação na realidade, é preciso conhecer para agir em coletividade (MCCUTCHEON; JUNG, 1990).

No conjunto estas possibilitam a ressignificação das experiências formadoras desenvolvidas nos referidos componentes curriculares para todos os envolvidos: professores destes componentes curriculares, acadêmicos, professores das instituições campo. Aproxima os envolvidos da realidade concreta em que estão imersos, promovendo o surgimento de um espírito de coletividade em todas as fases do estudo, de forma que as ações pensadas e desenvolvidas são originárias neste coletivo e se direcionam para o mesmo, num movimento de interação, entendimento, negociação e diálogo contínuos encontrando elementos que vitalizarão o grupo e o estudo na busca da produção de um saber compartilhado, de forma que a participação seja de todos, cujos papéis no estudo são inter-relacionados e complementares, de forma que as relações de poder ali experimentadas sejam horizontalizadas e partilhadas. A vivência neste processo é eminentemente pedagógica e altamente formadora, uma vez que todas as fases do estudo levam os envolvidos a imersão na realidade e a busca da compreensão da mesma através de um esforço teórico-metodológico que é imensamente rico para todos os envolvidos.

4- Considerações Finais

A experiência tem demonstrado que a parceria com a pesquisa-ação representa um dos possíveis aliados para formar um profissional articulando a experiência acadêmica com a da escola, em um movimento de ação-reflexão-ação, pautado na coletividade e na realidade através da vivência do cotidiano escolar, se promove ao licenciando as condições para uma releitura de todo o processo de formação inicial, uma vez que durante a pesquisa, o conjunto dos conteúdos explorados pelos componentes curriculares de seu curso, é requerido. Logo, há naturalmente um movimento de ressignificação da formação.

Na pesquisa-ação, os estagiários são incorporados ao cotidiano da instituição, colaborando com o trabalho cotidiano a ser desenvolvido em seu interior. Portanto, para a instituição receptora, sua presença também, representa a soma de forças através da possibilidade real de contar com o auxílio de outras pessoas, profissionais e da própria universidade para o enfrentamento de suas dificuldades. Todos são beneficiados com o processo.

Destacam-se também algumas contribuições para os professores formadores que trabalham com os referidos componentes curriculares que sofrem em muitos casos, pela discriminação no meio acadêmico, em relação aos mesmos, por serem considerados

conteúdos instrumentais, que não requerem profundidade teórica, por consequência que não demandam a produção de conhecimentos. Neste contexto, a pesquisa-ação pode contribuir com os professores formadores possibilitando-lhes:

- a) o fortalecimento da área de sua atuação, na medida em que amplia suas condições de campo de conhecimento científico com grande potencial para a produção de tais saberes. Promove ainda, concomitantemente, a sua valorização no meio acadêmico, por sua vez, ao demonstrar a sua pertinência enquanto campo teórico-prático cria e fortalece no imaginário coletivo a necessidade de para seu desenvolvimento requer profissionais que conheçam a realidade da escola básica, que tenham compromisso com a formação de profissionais críticos, politizados e capazes de pensar e intervir na realidade, portanto, profissionais com uma sólida formação teórica e prática;
- b) a possibilidade de materialização de suas funções docentes de ensino, pesquisa e extensão. Durante a realização da atividade se alia o ensino uma vez que se esta atuando com um componente curricular presente no curso, a prática da pesquisa e a extensão, ao trabalhar na formação continuada dos professores e demais profissionais da escola envolvidos na pesquisa;
- c) a capacitação em serviço, pois o fazer pesquisa-ação promove um movimento constante de estudo, de repensar e de revisitar conceitos e teorias. Esta situação oferece uma vitalidade cotidiana ao exercício da docência.

Para a Universidade esta parceria também pode ter contribuições na medida em que aproxima seus profissionais da realidade, fortalece na sociedade a sua relevância enquanto instância produtora de saberes científicos que se revertem para a melhoria das condições de vida.

Finalmente, ressalta-se que esta atividade, no entanto, requer uma postura permanente de escuta da realidade, de capacidade crítica, de interação e de compreensão dos múltiplos condicionantes sociais, políticos, culturais e econômicos que atuam diretamente na mesma. Desta forma é preciso estar atento aos princípios da emancipação e da autonomia, pois estas caminham paralelamente aos desejos de mudança. Neste sentido, é preciso compreender que estas não são apenas resultantes de ações individuais e locais, mas que são decorrentes de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais e que, muitas vezes, não se tem forças para promover todas as mudanças desejadas, mas que nem por isso desiste-se. Esta questão precisa ser discutida para não criar nos grupos um sentimento de impotência e responsabilização individualizada pela dificuldade em se implementar as mudanças planejadas e

desejadas. Tudo é possível, no entanto, demanda tempo, estratégias, negociações, articulações, etc. O primeiro passo é acreditar e construir uma utopia coletiva.

Em suma, esta parceria pode ser muito fértil a todos! É um desafio aos educadores audaciosos e sedosos em promover uma formação docente teórica e prática sólida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papirus, 1995.
- BARDIER, RENÉ. *A pesquisa-ação*. Brasília: Editora Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação.
- COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KEMMIS, S. WILKINSON, M. A pesquisa-ação participativa e o estudo da prática. In.: DINIZ-PEREIRA, J. ZEICHNER, K.M (Org.) *A pesquisa na formação e no trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica. 2002. Pp. 43-63.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.A.D. *Pesquisa em Educação: Abordagem qualitativa*. São Paulo: Editora E.P.U., 1986.
- MCCUTCHEON, G., & JUNG, B. Alternative perspectives on action research. **Theory into Practice**, 29, 144-151. 1990.
- MCKAY, J. A. Professional development through action research. **Journal of Staff Development**, 13(1), 18-21. 1992.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**: São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005
- MIRANDA, Marília Gouvea de; RESENDE Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33 set./dez. 2006. P. 511-565
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 14. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005